

HAROLDO DE CAMPOS

é poeta, ensaísta e tradutor. É autor, entre outros, de *A Arte no Horizonte do Provável* (Perspectiva) e *A Educação dos Cinco Sentidos* (Brasiliense).



Haroldo de Campos transcria Ungaretti

L'ALLEGRIA (1914-19)

Na página anterior, poeta na Alemanha, durante uma de suas últimas viagens; abaixo, em Roma, com o amigo Barilli

Eterno

Tra un fiore colto e l'altro donato
l'inesprimibile nulla

Eterno

Entre uma flor colhida e o dom de outra
o nada inexprimível

Noia

Anche questa notte passerà

Questa solitudine in giro
titubante ombra dei fili tranviari
sull'umido asfalto

Tédio

Também esta noite passará

Esta solidão em torno
sombra titubeante de fios viários
sobre o úmido asfalto

Guardo le teste dei brumisti
nel mezzo sonno
tentennare

Olho como os cocheiros
a meio-sono
cabeceiam

Tappeto

Ogni colore si espande e si adagia
negli altri colori

Tapete

Cada cor se expande e demora
nas outras

Per essere più solo se lo guardi

Para ficar mais só basta mirá-lo

Ricordo d'Affrica

Il sole rapisce la città
Non si vede più
Neanche le tombe resistono molto

Recordação Africana

O sol rapta a cidade
Nada mais se vê
Nem mesmo os túmulos resistem muito

Noite di Maggio

Il cielo pone in capo
ai minareti
ghirlande di lumini

Noite de Maio

O céu põe sobre
os minaretes
guirlandas de luzes

Poemas traduzidos para o Seminário Internacional "Ungaretti, Poeta de Três Continentes" (USP/Secretaria Municipal de Cultura, 8-11 de setembro de 1997).

In Galleria

Un occhio di stelle
ci spia da quello stagno
e filtra la sua benedizione ghiacciata
su quest'acquario
di sonnambula noia

Na Galeria

Um olho de estrela
nos espia daquele tanque
e filtra sua bênção gelada
sobre este aquário
de tédio sonâmbulo

Il Porto Sepolto

(Mariano 19.06.1916)

Vi arriva il poeta
e poi torna alla luce con i suoi canti
e li disperde

Di questa poesia
mi resta
quel nulla
d'inesauribile segreto

O Porto Sepulto

Eis que chega o poeta
e volta depois para a luz com os seus cantos
e os despende

Desta poesia
me resta
aquele nada
de inexaurível segredo

Tramonto

(Versa 20 maio 1916)

Il carnato del cielo
sveglia oasi
al nomade d'amori

Sol-pôr

O encarnado do céu
desperta oásis
para o nômade de amor

Stasera

(Versa 22 maio 1916)

Balaustrata di brezza
per appoggiare stasera
la mia malinconia

Esta Noite

Balaustrada de brisa
para apoiar noite adentro
a minha melancolia

Dannazione

(Mariano 29 junho 1916)

Chiuso fra cose mortali
(Anche il cielo stellato finirà)
Perchè bramo Dio?

Danação

Recluso entre coisas mortais
(Mesmo o céu estrelado findará)
Ardo por Deus por quê?

Destino

(Mariano 14 julho 1916)

Volti al travaglio
come una qualsiasi
fibra creata
perchè ci lamentiamo noi?

Destino

Voltados para a fadiga
feito qualquer
fibra criada
nós por que nos lamentamos?

Fratelli

Di che reggimento siete
fratelli?

Parola tremante
nella notte

Foglia appena nata

Nell'aria spasimante
involontaria rivolta
dell'uomo presente alla sua
fragilità

Fratelli

Fraternidade

De que regimento,
irmãos?

Palavra que treme
na noite

Folha neonata

No ar de espasmo
involuntária revolta
do homem presente à sua
fragilidade

Fraternidade (1)

Sono una Creatura

(Valloncello di Cima Quattro
5 agosto 1916)

Come questa pietra
del S. Michele
così fredda
così dura
così prosciugata
così refrataria
così totalmente
disanimata

Come questa pietra
è il mio pianto
che non si vede

La morte
si sconta
vivendo

Sou uma Criatura

(Trincheira do Posto Elevado 4)

Como esta pedra
de São Miguel
tão fria
tão dura
tão ressecada
tão refratária
tão totalmente
exânime

Como esta pedra
é o meu pranto
que não se vê

A morte
desconta-se
vivendo

I Nos dois versos do final recuperei a aliteração FRAGILITÀ/FRATELLI, que a tradução da última palavra por IRMÃOS arruinaria.

Universo
(Devetachi 24.08.1916)

Col mare
mi son fatto
una bara
di freschezza

Universo

Do mar
me fiz talhar
um ataúde:
puro frescor

Attrito
(Locivizza 23.09.1916)

Con la mia fame di lupo
ammaino
il mio corpo di pecorella

Sono come
la misera barca
e come l'oceano libidinoso

Atrito

Com minha fome de lobo
amaino
meu corpo de cordeiro

Sou como
a barca ínfima
e o libidinoso oceano

Allegria di Naufragi
(Versa 14.02.1917)

E subito riprende
il viaggio
como
dopo il naufragio
un superstite
lupo di mare

Alegria do Náufrago

E pronto retoma
a viagem
como
após-naufrágio
um sobrevivivo
lobo do mar

Mattina

M'illumino
d'immenso

Manhã

Deslumbro-me
de imenso (2)

Lontano

Lontano lontano
come un cieco
m'hanno portato per mano

Longe

Longe para longe
feito um cego
que vai pela mão não sabe aonde

2 Trata-se de traduzir a tônica de uma sílaba proparoxítona para outra: ... LÚMino... → desLÚMbr... É óbvio que ilumino-me → Me ilumino, sintagmas onde o verbo é paroxítono, não funcionam para efeito de "transposição criativa".

IL TACCUINO DEL VECCHIO (1952-60)

14

Somiglia a luce in crescita,
Od al colmo, l'amore,

Se solo d'un momento
Essa dal Sud si parte,
Già puoi chiamarla morte.

Símil à luz crescente,
Ou, no zênite, o amor,

Se por um só momento
Ela do Sul declina,
Já se sabe que é morte.

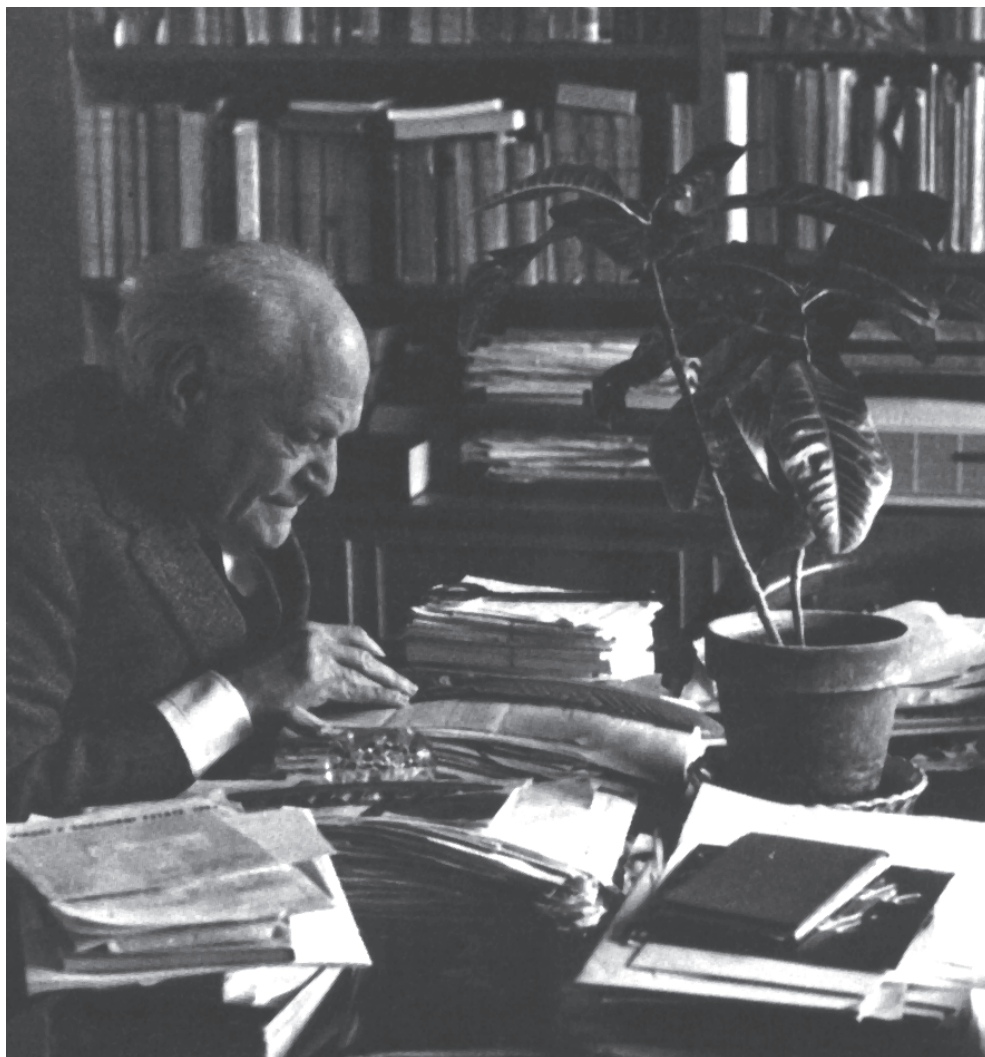
16

Da quella stella all'altra
Si carcera la notte
In turbinante vuota dismisura,

Da quella solitudine di stella
A quella solitudine di stella.

Daquela estrela à outra
A noite se encarcera
Em turbinosa vazia desmesura,

Daquela solidão de estrela
Àquela solidão de estrela



○ escritor na sua
mesa de trabalho